

## Entre o bom e o útil: autotelismo e formação em diferentes níveis de ensino

### Between the good and the useful: autotelism and formation at different levels of education

MATHEUS REICHLETI FLORES<sup>1</sup>

ROSÂNGELA ARAÚJO DARWICH<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo investiga a relação que estudantes de diferentes níveis de ensino têm com a aquisição de conhecimento, destacando o conceito de autotelismo – a busca pela excelência intrínseca. Reflexões sobre os conceitos de “bom” e “útil” são realizadas com base em autores como Aristóteles, Platão e Csikszentmihalyi. Um questionário online foi aplicado a sessenta estudantes de ensino médio, superior e pós-graduação, revelando um aumento do autotelismo à medida que o nível educacional avança. Propõe-se que o ensino médio pode aprender com os níveis superiores para promover uma aprendizagem mais prazerosa e humanizada, valorizando o conhecimento não só pela utilidade, mas também pelo seu potencial de enriquecer a experiência de vida dos estudantes.

**Palavras-chave:** Autotelismo. Educação Humanizada. Aquisição de conhecimento.

**Abstract:** This study investigates the relationship that students at different levels of education have with the acquisition of knowledge, highlighting the concept of autotelism – the search for intrinsic excellence. Reflections on the concepts of “good” and “useful” are based on authors such as Aristotle, Plato and Csikszentmihalyi. An online questionnaire was administered to sixty high school, college and postgraduation students, revealing an increase in autotelism as the educational level advances. It is proposed that secondary education can learn from higher levels to promote more pleasurable and humanized learning, valuing knowledge not only for its usefulness, but also for its potential to enrich students' life experience.

**Keywords:** Autotelismo. Educação humanizada. Aquisição de conhecimento.

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade da Amazônia (Unama). Foi diretor de ensino da Liga Acadêmica de Psicologia Clínica (LAPSIC), plantonista no Plantão Psicológico e fez parte do Programa de Iniciação Científica na mesma instituição. E-mail: [matheusflorespsi@gmail.com](mailto:matheusflorespsi@gmail.com)

<sup>2</sup> Psicóloga, psicoterapeuta e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (Unama). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento (PPGTPC/UFPA) e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (CENSUPEG), com estágio pós-doutoral na Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, na Alemanha. E-mail: [rosangeladarwich@yahoo.com.br](mailto:rosangeladarwich@yahoo.com.br)

## **Introdução**

O ser humano é um ser livre e responsável que, diferente dos outros seres, tem a capacidade de se moldar livremente, determinando, assim, seu ser. Contudo, nasce em um mundo já determinado e necessita adaptar-se a ele, sendo moldado por ele. Por meio da educação são transmitidas a linguagem, a tradição e as expectativas de outros seres humanos, dando ao neófito a capacidade de se relacionar, de mover-se no mundo e, a partir daí, autodeterminar-se. Dessa forma, “a educação tem esse caráter ambíguo de libertar aprisionando e aprisionar libertando” (Seibt; Braço, 2021, p. 63), pois fecha possibilidades à pessoa para que ela possa abrir-se a muitas outras.

O fechamento e a atualização de possibilidades por parte da sociedade estão intrinsecamente ligados ao projeto de ser humano compartilhado por ela, no sentido de aquilo que ela quer que os seres humanos sejam/se tornem. Dessa forma, a condição do adulto educado expressa muito de como se estrutura o projeto de pessoa da sociedade. Para Han (2017), o projeto atual está deixando as pessoas depressivas e esgotadas, cansadas do poder e do fazer.

Nossa sociedade está doente, obcecada com o útil e esquecida daquilo que é bom em si mesmo, e criando pessoas com a mesma mentalidade. E essa mentalidade se estende a diversos domínios, inclusive ao do conhecimento, tão unido ao da educação formal e informal.

Este estudo objetiva investigar o projeto de ser humano que norteia a educação formal e informal na sociedade capitalista atual, especialmente como ela produz a relação com o conhecimento, apontando falhas em seus princípios e resultados. Verificamos a possibilidade de a educação se encontrar demasiadamente pautada na utilidade do ser humano para a produção e pouco em valores positivos, como no caso de seu caráter, quanto a ser bom em si mesmo e ser aperfeiçoador da natureza humana (Reale, 2014). Ademais, por meio de uma pesquisa de campo, que consistiu na resposta de estudantes de diferentes níveis de ensino (médio, superior e pós-graduação), objetivamos investigar a relação do estudante de Belém (PA) com o conhecimento.

## O bom e o útil

Segundo Aristóteles (Ética a Nicômaco, 1096b), “podemos falar dos bens de duas maneiras, uma, os bens por si mesmos, outra, os bens em relação aos primeiros”, ou seja, há coisas boas e há coisas, que podemos chamar “úteis”, que se tornam boas por serem meios de se chegar nas primeiras. Além disso, como o útil só é procurado como meio de se chegar ao bom, este último se mostra mais perfeito que o primeiro, pois “uma coisa perseguida como fim em si é mais perfeita do que aquela perseguida como um meio para uma coisa qualquer” (1097a) e tanto mais perfeita uma coisa será quanto mais exclusivamente como fim, e não como meio, for buscada:

uma coisa não escolhida como meio para algo é mais perfeita do que as coisas escolhidas tanto como fins em si quanto como meio para esta coisa, e simplesmente chamamos perfeito o que é sempre desejável por si mesmo e nunca por outra coisa (1097a)

Hildebrand (2020) defende que o termo “útil” tem várias acepções, desde uma que se refere à simples capacidade de algo servir como instrumento para se obter um fim, àquela de meio em relação a alguns fins específicos aos quais chama “bens objetivos” ou “bens elementares para a pessoa humana” (p. 71; tradução nossa). Estes bens seriam

as coisas indispensáveis à nossa vida, assim como todas aquelas coisas que se referem ao nosso bem-estar físico e mental e segurança na medida em que somos indivíduos e membros da sociedade. Comida, vestimentas e abrigo; saúde, liberdade, paz e ordem são tais bens elementares (p. 69; tradução nossa)

Ainda assim, o útil não se confunde com os bens mais elevados da pessoa humana, embora não seja oposto a eles e até ajude a alcançá-los. Poder-se-ia, portanto, chamar a esses bens superiores e mais perfeitos de inúteis e dizer que são tanto mais perfeitos quanto menos úteis e mais buscados por si mesmos são. Por isso, o bem mais perfeito de todos é a felicidade, fim de todas as ações humanas e sempre buscada por si e não como meio para mais nada.

A psicologia moderna confirma essas reflexões dos clássicos. Csikszentmihalyi (2020) descreveu um estado de experiência ótimo, chamado “flow”, de alta fruição. Um dos requisitos para se experimentar esse estado seria o “autotelismo” da atividade em que se está imerso, palavra derivada da junção de duas palavras gregas: *auto*, que significa próprio, e *telos*, que significa fim. Assim, dizer que algo é “autotélico” significa dizer que é um fim em si mesmo.

A importância do autotelismo para o *flow* está no direcionamento da atenção. Nesse tipo de experiência, a atenção do indivíduo foca-se na atividade em si, enquanto nas experiências exotélicas (que não são um fim em si mesmas, mas que o possuem *fora* delas), sua atenção se concentra nas consequências da atividade, o que diminui a fruição.

O autotelismo de Csikszentmihalyi pode, no entanto, diferir um pouco daquilo descrito por Aristóteles e Hildebrand. Enquanto estes autores falam de valores e coisas boas e que são fins em si mesmas objetivamente, Csikszentmihalyi se refere mais à experiência subjetiva de autotelismo. Para ele, o importante não é a atividade em si, mas a forma como a pessoa a experiencia, se coloca sua atenção e motivação nas consequências ou na própria atividade:

Investir no mercado de ações para ganhar dinheiro não é uma experiência autotélica; mas investir para provar sua capacidade de prever futuras tendências é [...] O que transparece nas duas situações é ostensivamente idêntico; a diferença é que, quando a experiência é autotélica, a pessoa presta atenção na atividade em si; quando não é, sua atenção se concentra nas consequências (CSIKSZENTIMIHALYI, 2020, p. 85)

Essa diferença entre os pensadores, contudo, pode ser vista não como uma discordância, mas como uma complementação. Se o que importa para o *flow* não é a atividade em si, mas a experiência subjetiva dela, as atividades que são objetivamente autotélicas trariam esse tipo de experiência com muito mais facilidade, o que as faz mais perfeitas, pois contribuem mais para a felicidade.

A ciência comportamental também fala de autotelismo, embora não sob tal nome, quando define valores. “Em ACT [Terapia de Aceitação e Compromisso], valores são consequências livremente escolhidas e verbalmente construídas de padrões de atividade contínuos, dinâmicos e em evolução que estabelecem

FLORES, M. R.

DARWICH, R. A.

reforçadores predominantes para essa atividade que são intrínsecos ao engajamento no próprio padrão comportamental valorizado.” (WILSON; DUFRENE, 2009, p. 64) Sendo os reforçadores de uma atividade intrínsecos a ela, o seu fim não é outro que não ela mesma, pois não busca uma consequência positiva externa, mas ela mesma é satisfatória, pois realiza um valor. Dessa forma, uma ação valorizada poderia ser chamada autotélica.

### **O bem do conhecimento**

Um exemplo de bem em si mesmo é o conhecimento. O conhecimento pode ser útil, como a engenharia, necessária para construir uma ponte, por exemplo, ou pode não ter nenhuma utilidade prática, como o conhecimento filosófico ou metafísico, mas sempre “é capaz de ser seu próprio fim. A constituição da mente humana é tal que qualquer tipo de conhecimento, se realmente o for, é sua própria recompensa.” (NEWMAN, 2008, p. 90, tradução nossa)

E, entre os bens autotélicos, o mais exaltado pelos filósofos é o do conhecimento. Inclusive, para Aristóteles (*Ética a Nicômaco*), a contemplação é a atividade por excelência do ser humano, na qual consiste o melhor tipo de vida, pois “se a felicidade é uma atividade conforme a virtude, é razoável que seja conforme a mais alta virtude e essa será a virtude da parte mais nobre de nós mesmos.” (p. 284) Esta parte é o intelecto e o ato dele segundo a virtude é a contemplação.

Isso é muito bem ilustrado no *Fedro* de Platão. No mito do auriga, a alma humana é representada por um auriga conduzindo dois cavalos, um obediente e outro desobediente, sua missão consistindo em educar o desobediente, que representa as paixões que o arrastam para onde não quer ir. As almas que conseguem educar esse cavalo desobediente disputam entre si com grande ansiedade para atingir a região superior, a “planície da verdade”.

Mas o que motiva a grande ansiedade em descortinar a planície da verdade é o fato de o pasto adequado para a melhor parte da

alma estar no prado nela situado, sendo esse pasto que nutre a asa responsável pela ascensão da alma (PLATÃO, Fedro, 248b)

Tomás de Aquino (ST, I, Ilae, q. 3, a. 8) vê na união com Deus a fonte da beatitude, ou seja, da felicidade humana. Contudo, como um bom aristotélico, o aquinate não perde de vista a natureza racional da humanidade e vê, na bem-aventurança eterna cristã, uma realização dessa natureza pelo aperfeiçoamento do intelecto: “Portanto, para a felicidade perfeita é necessário o intelecto atingir a essência mesma da causa primeira. E assim, terá a sua perfeição pela união com Deus como o objeto em que só consiste a beatitude do homem (...)”. Contudo, o medieval não deixa de reconhecer o valor do conhecimento nesta vida, embora o faça somente de forma relativa: “pelos divinos efeitos somos levados à contemplação de Deus (...) A perfeição do intelecto humano é a verdade divina, ao passo que as outras verdades aperfeiçoam o intelecto em ordem à verdade divina” (ST, II, Ilae, q. 180, a. 4)

Além disso, os valores vivenciais de Frankl (2019) dizem respeito a experiências enriquecedoras em que a pessoa acolhe algo do mundo. A experiência da verdade, ou seja, o conhecimento, pode facilmente ser enquadrada nesta categoria de valores descrita pelo criador da Logoterapia.

Portanto, todo conhecimento é bom em si mesmo e contribui para o aperfeiçoamento do ser humano. Mas há conhecimentos mais perfeitos que outros.

### **Tipos de conhecimento**

Aristóteles (Metafísica) distingue dois tipos de ciência e os hierarquiza: “as ciências especulativas mais ligadas ao saber que as produtivas” (981b-982a). Em outras partes de sua obra, contudo, atribui o nome “ciência” (*epistème*) somente às especulativas, distinguindo-a da “arte” (*téchne*). “A distinção entre a arte e a ciência refere-se ao fato de que, enquanto a arte possui uma aplicação prática, a ciência desconhece esta dimensão pragmática.” (PUENTES, 1998, p. 131)

É claro que essas nomenclaturas adquiriram hoje sentidos diferentes e muitas disciplinas que Aristóteles tratava como arte são consideradas ciências,

como a medicina e a engenharia. Contudo, cabe apontar essa distinção apresentada por ele para entender melhor a superioridade que atribui à especulação em relação à produção (sem deixar de atribuir a ela sua devida importância).

Tendo em vista a já comentada superioridade atribuída por Aristóteles a tudo o que é fim em si mesmo, podemos entender facilmente o motivo de considerar a ciência superior à arte: seu caráter autotélico. A arte é um conhecimento e, portanto, boa em si mesma, mas também é útil, pois tem como fim a produção de uma realidade, tendo caráter de meio. As ciências especulativas não possuem essa dimensão útil, mas são valorizadas somente por si mesmas e isto as faz superiores. A dignidade da arte se relaciona com sua capacidade de produzir coisas que facilitem a contemplação, a atividade intelectual por excelência, que é o que realmente aperfeiçoa a pessoa humana, que torna ela naquilo que ela realmente é (HAN, 2017; REALE, 2014).

### **Contemplação, produção, felicidade e educação**

A sociedade capitalista, porém, está obcecada pelo útil e esquecida daquilo que é bom em si e de onde o útil adquire sua dignidade. Para Reale (2014, p. 85), “o praxismo e o tecnologismo constituem as manifestações mais evidentes do mal-estar atual” e, na nossa cultura, tornaram-se “verdadeiras’ a práxis e a técnica, e *todos os valores são absorvidos no fazer e no produzir.*” (p. 86) Tudo precisa servir para alguma coisa, tudo precisa ter uma utilidade, nada pode ser simplesmente “bom” para ser valorizado. E, ao contrário, aquilo que é “útil”, simplesmente por sê-lo, torna-se objeto de desejo, de prestígio.

Essa obsessão se estende, também, à autoimagem. A pessoa não se valoriza por ter a dignidade intrínseca de ser humano, por conhecer algo, mas só na medida em que é útil. Sua identidade pessoal mesma está ligada à sua produção: “o que conta não é o livre indivíduo que encontra sua identidade na própria alma, segundo a tradição greco-cristã, mas aquela máscara do indivíduo, essa sua personificação que é a sua profissionalidade” (GALIMBERTI, 2006, pp. 639-640).

Daí surge a violência neuronal descrita por Han (2017). Segundo ele, a pressão de desempenho (que é uma autocobrança por utilidade) cansa e deprime as pessoas. Elas estão esquecidas da contemplação e absolutizando a vida ativa. Olhando para esse diagnóstico e para a lógica produtivista do modelo capitalista, não é difícil perceber que é este o modelo de ser humano tido em mente e oferecido pela educação atual, o modelo que as instituições sociais, talvez sem perceber, têm em mente ao educar e no qual pretendem tornar os educandos: pessoas obcecadas pela produção, pelo útil, pelos meios, esquecidas do sentido do fim, da contemplação, para, novamente, serem *úteis* aos interesses do sistema. Dessa forma, não só o conhecimento é transformado de fim para meio como também há uma transformação do “trabalho de meio em fim” (REALE, 2014, p. 103), pois também o bem-estar material, alcançado pelo trabalho, é absolutizado. Um sinal disso é o que Pinheiro (2021, p. 109) chama de “barbárie da especialização”. O ser humano moderno renuncia ao conhecimento do todo para saber “muito de muito pouco” (p. 111), o que “o tornou hermético e acomodado, subtraindo-o do verdadeiro espírito científico, marcado pela humildade e pela aventura diante do desconhecido” (p. 113), “afastando-se da realidade ao querer transformá-la e não conhecê-la.” (p. 232)

Segundo Reale (2014), essa inversão tem raízes no niilismo, que, cético para a ideia da felicidade, substitui a busca dela pela busca da potência, o que, como vimos em Han (2017), cansou e deprimiu o ser humano moderno. Talvez não seja possível nem desejável, atualmente, abolir completamente a especialização, pois, em certa medida, funciona, é benéfica e favorece a produção, que não deixa de ser um bem.

Não é necessário nem bom, porém, deixar de lado o ensino da técnica que favorece a produção, pois, segundo Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, 1178b):

o homem feliz necessitará também de bens exteriores, já que ele é homem, pois a sua natureza não é suficiente para a atividade contemplativa, mas é preciso também que o corpo esteja em boa saúde, que ele receba alimentação e todos os cuidados.

Afinal, “a existência humana só se realiza na *vita composita*” (HAN, 2023, p. 150), isto é, na vida composta de atividade e contemplação, não sendo possível

viver apenas contemplando. Contudo, esses bens exteriores, produzidos com o auxílio da técnica, e a própria vida ativa devem ordenar-se à contemplativa, que “tem prioridade sobre a ativa, porque se aplica a um objeto superior e melhor” (TOMÁS DE AQUINO, ST, II, II<sup>ae</sup>, Q. 182, a. 4), sendo que “a *vita activa* sem a *vita contemplativa* é cega” (HAN, 2023, p. 148). Esse ordenamento, porém, como vimos, não têm acontecido. Há um esquecimento do sentido do fim ao qual servem essas realidades e “a preocupação pelo bem viver [...] cede lugar cada vez mais à preocupação pelo sobreviver” (HAN, 2017, p. 33)

E o ser humano confunde, dessa forma, o sobreviver com o bem-viver, idealizando a sobrevivência como se fosse boa vivência, tornando-se como a “alma furada” de Platão. No diálogo “Górgias”, Sócrates usa a imagem de um jarro furado para descrever a alma dos que vivem uma vida “desregrada”, submissos às suas paixões, sempre desejando e satisfazendo seus desejos pelos bens exteriores, que nunca preenchem a pessoa, usando desses meios de sobrevivência, que deveriam ajudá-lo a alcançar seu fim contemplativo, como se fossem eles próprios o fim:

carregarão água para o interior de seu jarro que vaza como uma peneira, que é uma coisa que também vaza. E por peneira, segundo declarou a mim quem contou a história, ele quer dizer a alma; e a alma dos destituídos de inteligência comparou a uma peneira, que, por ser perfurada, é incapaz de reter alguma coisa devido a sua descrença e esquecimento (PLATÃO, Górgias, 493b-c)

Ao contrário, a contemplação é aquilo que realiza o ser humano, aquilo pelo qual ele obtém a felicidade: “A felicidade, então, coexiste com a contemplação, e quanto mais se possui a faculdade de contemplar, mais também se é feliz não por acidente, mas em virtude da própria contemplação, pois essa é por si só um grande prêmio.” (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, 1178b)

Também para Han (2023, p. 142), “a felicidade se deve à inatividade”, que é ocasião para contemplar, para realizar aquele mergulho nas coisas (HAN, 2017), que só pode ser alcançado por uma profunda atenção a elas e profundo esquecimento da sua utilidade e das nossas necessidades, facilitando aquele

estado chamado *flow*, e que tem sua fonte não na dúvida cartesiana, que “dissolve o espanto” (p. 36), mas no próprio “espanto a respeito do ser-assim das coisas” (p. 35), no maravilhamento por um mundo bonito e ordenado (PINHEIRO, 2021). A contemplação “dignifica a vida inteira, não se reduzindo a um conhecimento técnico” (p. 233).

Uma educação, portanto, que ensine apenas a “fazer” e não a beleza e os meios do “saber”, não contribui para a realização da natureza humana, que só se alcança pela contemplação.

## **Metodologia**

Foram elaborados formulários com perguntas que foram respondidas por estudantes de diversos níveis de ensino em instituições da cidade de Belém, no Pará. Os formulários buscaram informações acerca da relação que os respondentes tinham com o conhecimento: se seria autotélica ou utilitária.

A análise de dados foi realizada a partir da metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Para isso, as perguntas foram divididas em duas categorias: as que analisam o autotelismo em diversas atividades (cujas respostas foram divididas em “autotelismo” e “utilidade/não-autotelismo) e as que analisam o senso de eficácia do ensino formal para a realização profissional ou pessoal (com as respostas divididas em “eficaz” e “não eficaz”).

286

## **Resultados e discussão**

Quanto aos participantes deste estudo, 60 respondentes compuseram os três grupos investigados, de estudantes do ensino médio, de graduação e de pós-graduação, tendo sido divididos entre eles em igual número de modo a possibilitar uma análise comparativa.

Os formulários foram acessados por 60 estudantes de três escolas privadas de ensino médio, os quais estavam cursando o segundo (15%) ou o terceiro (85%) ano, sendo 30% do gênero masculino e 70%, do feminino e na faixa etária de 16 a 20 anos.

Também foram acessados por estudantes de graduação, sendo 80% de uma universidade particular e 20% de uma universidade pública, de quatro cursos (70% cursando Psicologia; 15%, Engenharia Civil; 10% Educação Física e 5% Cinema), entre o primeiro e décimo semestre, a grande maioria (30%) cursando o 9º, enquanto apenas 5% estavam no 1º semestre. 60% dos participantes se identificaram com o gênero feminino enquanto apenas 40% se identificaram com o masculino. A idade desses participantes variou de 22 a 60 anos.

Além disso, formulários também foram respondidos por estudantes de pós-graduação *strictu sensu*, sendo 55% de uma universidade privada e 45% de uma pública, com 30% em um projeto de pós-graduação em ciências exatas e 70% divididos em pós-graduações em ciências humanas, sendo que 60% estavam cursando o mestrado e 40% o doutorado. Suas idades variaram entre 23 e 60 anos e 50% se identificaram com o gênero masculino e 50% com o feminino.

As respostas aos formulários, já divididas em suas respectivas categorias de análise, estão nos quadros a seguir.

**Quadro 1** – Autotelismo ou utilidade/não-autotelismo

| Questionamento            | Ensino médio |                           | Universidade |                           | Pós-Graduação |                           |
|---------------------------|--------------|---------------------------|--------------|---------------------------|---------------|---------------------------|
|                           | Autotelismo  | Utilidade/não-autotelismo | Autotelismo  | Utilidade/não-autotelismo | Autotelismo   | Utilidade/não-autotelismo |
| Motivação acadêmica       | 30%          | 70%                       | 55%          | 45%                       | 95%           | 5%                        |
| Projetos extra-acadêmicos | 80%          | 20%                       | 60%          | 40%                       | 70%           | 30%                       |
| Trabalho                  | 85%          | 15%                       | 95%          | 5%                        | 95%           | 5%                        |

Fonte: autoria própria

Como podemos observar, a quantidade de respostas do tipo que indica autotelismo no estudo cresce conforme aumenta o nível de ensino, quando o objeto de estudo é escolhido de forma mais livre. Tal dado parece ter relação com o conceito de valores da ACT, que devem ser “livremente escolhidos” (WILSON; DUFRENE, 2009).

Hayes, Strosahl e Wilson (2021, p. 241) ainda distinguem “escolha” de “decisão”: decisão é a “seleção entre alternativas baseada em razões”, [que são] “formulações verbais de causas e efeitos”; enquanto isso, “uma escolha é uma seleção entre alternativas que pode ser feita com razões (se houver razões disponíveis), mas não por razões”. Dessa forma, em uma decisão, as razões causam uma solução, mas, em uma escolha, não.

A maioria dos estudantes do ensino médio que responderam ao questionário parece ter decidido estudar para tirar boas notas, para agradar os pais, para ter um emprego no futuro, enquanto a maioria dos graduandos e pós-graduandos parece ter escolhido estudar certamente cientes de que tais estudos são necessários para obter boas notas e para um consequente destaque profissional (como também mostra o Quadro 2), mas não são levados por tais razões.

**Quadro 2** – Eficácia do ensino formal para a realização do estudante

| Questionamento          | Ensino médio |            | Universidade |            | Pós-Graduação |            |
|-------------------------|--------------|------------|--------------|------------|---------------|------------|
|                         | Eficaz       | Não eficaz | Eficaz       | Não eficaz | Eficaz        | Não eficaz |
| Realização Profissional | 80%          | 20%        | 70%          | 30%        | 100%          |            |
| Realização Pessoal      | 75%          | 25%        | 75%          | 25%        | 100%          |            |

**Fonte:** autoria própria

É interessante notar a relação entre a segurança que o curso/escola dá para o aperfeiçoamento profissional e a busca, por parte do estudante, por atividades extras que priorizem tal desenvolvimento. O grupo dos graduandos, que tem menos segurança (o que é caracterizado pelo tipo de resposta “ineficaz”), busca mais atividades extras que priorizem o desenvolvimento profissional (“utilidade”, na pergunta sobre projetos extra-acadêmicos).

Ademais, pode-se perceber que o grupo do ensino médio, o que menos vive o autotelismo nos estudos, é o que mais busca atividades extras que tenham relação com seus projetos ou interesses pessoais. Tal fato talvez possa ser explicado pela sua necessidade de fugir do cansaço do útil de que fala Han (2017).

Contudo, os resultados confirmam a hipótese inicial apenas parcialmente. Ela foi construída com base em afirmativas de autores pertencentes ao Norte Global (HAN, 2017, 2023; REALE, 2014) ou com suas principais referências em autores de tal região (PINHEIRO, 2021). Assim sendo, estudos comparando os diferentes níveis de ensino, realizados no Norte Global, poderiam fortalecer os resultados apresentados neste estudo. Isto porque a pressão econômica, familiar ou cultural pode levar muitos estudantes, especialmente nos níveis mais básicos, a priorizarem a utilidade imediata do conhecimento em detrimento de uma abordagem mais autônoma e prazerosa, em sociedades capitalistas, de modo geral. Essas pressões tendem a diminuir nos níveis superiores de ensino, onde o foco se desloca para a pesquisa e o pensamento crítico.

Além disso, as metodologias de ensino utilizadas no ensino médio frequentemente enfatizam a preparação para exames e habilidades técnicas, enquanto no ensino superior e na pós-graduação há maior incentivo para a reflexão crítica e a aprendizagem autodirigida, o que pode favorecer o desenvolvimento do autotelismo. Isso não deve ser considerado de todo ruim, pois, em geral, os estudantes do ensino médio estão em um momento da vida em que precisam atentar com mais intensidade à consecução de bens externos necessários, segundo posicionamentos já apresentados por Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*. Tomás de Aquino (ST, II, IIae, q. 182, a. 1. ad 3) aborda esse tema ao comparar a vida contemplativa com a vida ativa. Ele explica por que a vida ativa pode preceder a contemplativa, mesmo que a contemplação seja considerada superior à ação. No entanto, o autor ressalta que isso deve ocorrer sem que a contemplação seja completamente abandonada.

Às vezes, premido pelas necessidades, temos de deixar a contemplação para nos dedicarmos às obras da vida ativa; mas não de modo que devamos abandonar completamente a contemplação. (...), não seja que, privados dessa suavidade, sintamos a opressão da necessidade. Por onde é claro que quem é chamado da vida contemplativa para a ativa não sofre uma subtração, mas antes deve fazer uma adição.

Esses fatores parecem se confirmar pela alta satisfação dos estudantes de todos os níveis de ensino com suas respectivas instituições. Isso significa que eles têm obtido delas aquilo que esperam, a saber, conhecimento útil, no ensino médio, e a possibilidade de uma relação autotélica com o conhecimento nos níveis de ensino mais altos, apontando que o valor dado ao autotelismo do conhecimento cresce com o nível de ensino.

Ademais, a confirmação parcial da hipótese deve ser um sinal de alerta, pois os resultados não são os ideais: enquanto 95% dos pós-graduandos vivem o autotelismo do conhecimento (o que seria, talvez, o número ideal), apenas uma pequena maioria de graduandos (55%) e uma parcela menor ainda de estudantes do ensino médio (25%) o vive. Dessa forma, sendo o autotelismo uma condição para a vivência do flow (Csikszentmihalyi, 2020) e o flow um componente importante da felicidade, muitos estudantes, não vivendo o seu estudar como um fim em si mesmo, estão deixando de aproveitar uma oportunidade de serem felizes. E, se não aproveitam essa oportunidade em algo tão objetivamente autotélico quanto o conhecimento, é de se temer que não o façam em outras atividades.

## **Conclusão**

Segundo a revisão bibliográfica, nossa sociedade, guiada pela lógica de produção, tem um projeto de pessoa voltado também para essa lógica e, por isso, a educação busca moldar o ser humano de maneira a aumentar sua produtividade. A relação do ser humano com o conhecimento também é afetada por essa dinâmica, tornando-se tecnicista e utilitarista, ou seja, o saber procurado é sempre um “saber fazer”, e não simples saber, e seu valor é medido pela sua utilidade, ou seja, por aquilo que pode gerar ou produzir.

Contudo, o verificado pela pesquisa de campo é que uma pequena maioria de estudantes consegue, de fato, viver o autotelismo do conhecimento, contrariando, talvez, a perspectiva extremamente pessimista dos autores revisados. Ainda assim, a proporção de estudantes que exercem o estudar como

FLORES, M. R.

DARWICH, R. A.

um fim em si mesmo não é a ideal (especialmente entre os de nível médio), desaproveitando uma oportunidade de realização pessoal.

Dessa forma, faz-se necessária uma mudança de paradigma na forma com que o ser humano lida com o conhecimento, desenvolvendo uma relação mais autotélica com ele, de modo que essa relação seja voltada, novamente, ao aperfeiçoamento da pessoa, e não somente à produção. Isso destaca o papel crucial da educação em seus diferentes níveis, desde o ensino básico, em cultivar e promover a apreciação pelo conhecimento intrínseco e a realização pessoal através do aprendizado.

Estudos realizados com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental poderiam completar a análise iniciada com alunos do ensino médio.

## Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2015.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edipro, 2012.

CSIKSZENTIMIHÁLYI, M. *Flow: a psicologia do alto desempenho e da felicidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

FRANKL, V. F. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante, 2019.

GALIMBERTI, U. *Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.

HILDEBRAND, D. v. *Ethics*. Steubenville: Hildebrand Press, 2020.

HAN, B. -C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B. -C. *Vita contemplativa: ou sobre a inatividade*. Petrópolis: Vozes, 2023.

HAYES, S. C.; STROSAHL, K. D.; WILSON, K. G. *Terapia de aceitação e compromisso: O Processo e a Prática da Mudança Consciente*. Porto Alegre: Artmed, 2021.

NEWMAN, J. H. *The idea of a university defined and illustrated*. Project Gutenberg, 2008.

PINHEIRO, V. S. *A crise da cultura e a ordem do amor: ensaios filosóficos*. São Paulo: É Realizações Editora, 2021.

PUNTES, F. R. "A Techné em Aristóteles", in *Hypnos*, v.3, n. 4, p. 129- 135, 1998.

PLATÃO. *Fedro* (ou do Belo). São Paulo: Edipro, 2012.

PLATÃO. “*Górgias (ou da Retórica)*”. In: PLATÃO. *Diálogos II*. São Paulo: Edipro, 2016. p. 41-170.

REALE, G. *O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SEIBT, C. L.; BRAÇO, A. D. “Aproximações à relação entre educação e ser humano”, in *Revista Humanidade e Inovação*, Palmas, v. 8, n. 55, p. 55-68, agosto, 2021.

TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma teológica: volume 2: Ia Ilae*. Campinas: Ecclesiae, 2020.

TOMÁS DE AQUINO, S. *Suma teológica: volume 3: Ila Ilae*. Campinas: Ecclesiae, 2016.

WILSON, K. G.; DUFRENE, T. *Mindfulness for two: an acceptance and commitment therapy approach to mindfulness in psychotherapy*. Oakland, CA: New Harbinger, 2009.

Submissão: 28. 10. 2024

/

Aceite: 30. 11. 2024